

# economia

## BC confirma previsão e corta Selic em 0,25 ponto

Decisão do colegiado foi unânime e consolida o terceiro recuo da taxa de juros que agora chega a 14,25% ao ano

### / CONJUNTURA

O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central diminuiu a taxa Selic em 0,25 ponto percentual, de 14,50% para 14,25% ao ano, nesta quarta-feira. A decisão foi unânime. Foi o terceiro corte consecutivo. Os juros já caíram 0,75 ponto percentual desde março, quando o BC começou um “ciclo de calibração” cautelosa da política monetária, em meio às incertezas sobre os impactos da guerra do Irã na cadeia global de suprimentos, os preços de commodities e a própria inflação. Antes, o Copom manteve a Selic em 15% - o maior nível em quase duas décadas - por dez meses seguidos, de junho de 2025 até março de 2026.

Em comunicado, o Copom

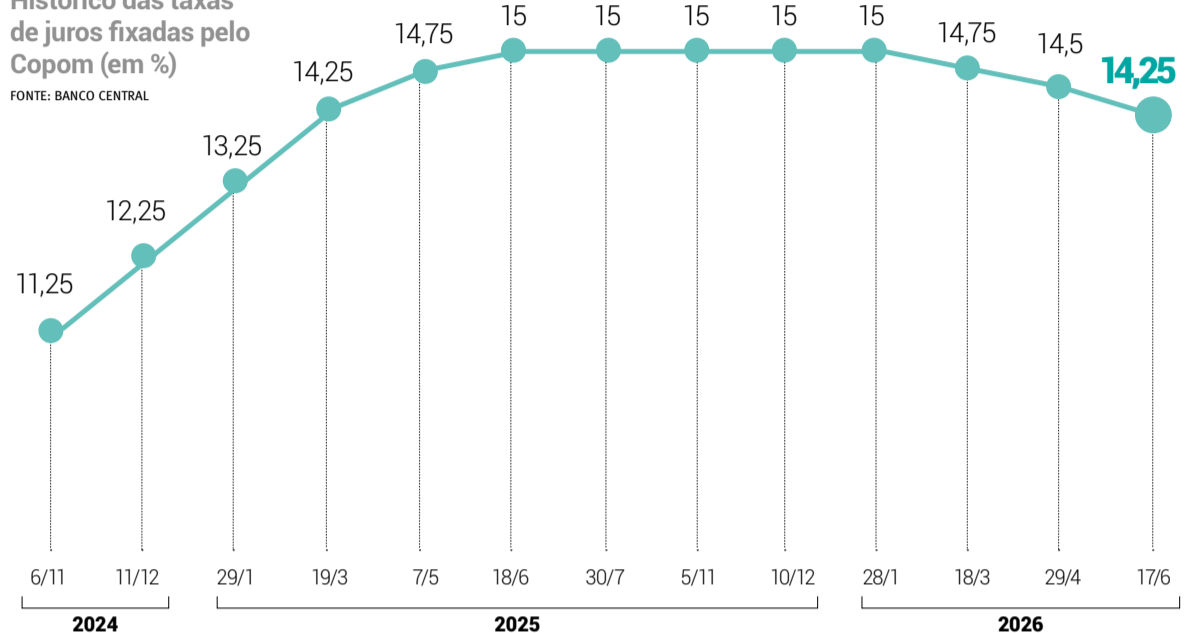
destacou que o ambiente externo permanece incerto em função da indefinição sobre os termos do acordo para cessar os conflitos armados no Oriente Médio e as consequências dos efeitos desses conflitos. “Tal cenário exige cautela por parte de países emergentes em ambiente marcado por elevação da volatilidade de preços de ativos e commodities.”

Em nota, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) disse que o corte é insuficiente e incapaz de reverter o quadro de estagnação dos investimentos e asfixia financeira das empresas e das famílias. O novo nível da Selic está 3,1 pontos percentuais acima do patamar de equilíbrio, de 11,1% a.a., que conseguiria balancear o pleno emprego e o controle da inflação.

### Evolução da Taxa Selic

Histórico das taxas de juros fixadas pelo Copom (em %)

FONTE: BANCO CENTRAL



## Fed mantém juros por unanimidade e cita conflito no Oriente Médio ao avaliar inflação

O Federal Reserve (Fed, o banco central norte-americano) manteve nesta quarta-feira, a taxa dos Fed Funds (como é conhecida a taxa de juros dos Estados Unidos) na faixa de 3,50% a 3,75%, em decisão unânime do Comitê Federal de Mercado Aberto (FOMC, na sigla em inglês). Os 12 integrantes do colegiado votaram a favor da manutenção dos juros, em linha com a expectativa do mercado financeiro. Essa foi a primeira decisão de política monetária do banco central norte-americano sob a

presidência de Kevin Warsh.

No comunicado, o Fed avaliou que a economia dos Estados Unidos continua crescendo em ritmo sólido, apesar do elevado nível de incerteza. Pela primeira vez desde a escalada das tensões na região, o Fed mencionou explicitamente o conflito no Oriente Médio como um dos fatores que contribuem para esse cenário.

Segundo a autoridade monetária, a atividade econômica segue sustentada pelo forte crescimento da produtividade e

dos investimentos. O mercado de trabalho também permanece resiliente, com a geração de empregos acompanhando a expansão da força de trabalho e a taxa de desemprego mostrando pouca variação.

Em relação à inflação, o Fed reiterou que os preços continuam acima da meta de 2% e associou parte dessa pressão a choques de oferta que afetaram determinados setores, incluindo energia. A referência ocorre em meio à volatilidade recente dos mercados de petróleo, influen-

ciados pelos desdobramentos da guerra no Oriente Médio.

“O Comitê entregará estabilidade de preços”, afirmou o Fed no comunicado, reforçando o compromisso de trazer a inflação de volta à meta.

O gráfico de pontos do Federal Reserve mostrou uma concentração maior de dirigentes que projetam aumento da taxa de juros nos EUA em 2026. O relatório, divulgado juntamente com o comunicado de política monetária, mostrou que 9 dirigentes projetam que a taxa de

juros subirá nos Estados Unidos neste ano, com 5 deles projetando taxa entre 4% e 4,25%, 3 vendo uma faixa entre 3,75% e 4% e um deles acreditando que a taxa pode ir para a faixa entre 4,25% e 4,5%.

O grupo de dirigentes que projeta aperto monetário supera o grupo que vê manutenção da taxa na faixa entre 3,5% e 3,75%, que concentra 8 dirigentes. Um dirigente ainda vê espaço para que a taxa de juros recue para a faixa entre 3,25% e 3,5% em 2026.

## Avanço das exportações para a Europa pode amenizar perdas nos EUA, avalia economista

### / COMÉRCIO EXTERIOR

Gabriel Margonar  
gabrielm@jcrs.com.br

O avanço das exportações gaúchas para a Europa pode ajudar a reduzir parte dos impactos provocados pela retração das vendas aos Estados Unidos. A avaliação é do economista-chefe da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiersg), Giovani Baggio, após a divulgação dos dados de comércio exterior referentes ao primeiro mês de vigência do acordo entre Mercosul e União Europeia.

Em maio, as exportações da indústria gaúcha para o bloco europeu somaram US\$ 302 milhões, alta de 53% em relação ao mesmo período do ano passado. O resultado representa um acréscimo de

US\$ 104,7 milhões e levou os embarques ao maior patamar para meses de maio após a pandemia de Covid-19. No sentido oposto, as vendas para os Estados Unidos seguem pressionadas pelas tarifas impostas pelo governo de Donald Trump. Segundo o levantamento da Fiersg, entre agosto de 2025 e maio de 2026 as exportações da indústria de transformação gaúcha para o mercado norte-americano recuaram 31,3%, o equivalente a aproximadamente US\$ 495 milhões. Apenas em maio, a queda foi de 36% na comparação com o mesmo mês do ano passado.

Para Baggio, os números reforçam o potencial da Europa como alternativa para empresas que perderam espaço nos EUA, embora a substituição de mercados não aconteça de forma imediata.

“Conquistar um cliente no mercado internacional é um processo difícil e demorado. Da mesma forma, quando esse cliente é perdido, recuperar espaço também é complicado. A ampliação das vendas para a Europa pode ajudar a compensar parte das perdas nos Estados Unidos, mas isso ocorrerá gradualmente”, afirma. O economista ressalta que ainda é cedo para atribuir diretamente ao acordo comercial o crescimento registrado nas exportações para a União Europeia. Mesmo assim, considera o resultado um sinal positivo de aproximação entre empresas dos dois blocos.

“As empresas ainda estão conhecendo melhor esse mercado, identificando oportunidades e construindo relações comerciais. A expectativa é de que o fluxo de

comércio entre os dois blocos continue se intensificando ao longo do tempo”, diz. O principal destaque das exportações para a Europa em maio foi o setor de alimentos, especialmente os frigoríficos voltados ao abate de aves. As vendas do segmento alcançaram US\$ 35,6 milhões, avanço de 218% frente aos US\$ 11,2 milhões registrados no mesmo mês de 2025.

Além dos alimentos, os segmentos que mais contribuíram para a expansão foram celulose e papel, tabaco, produtos químicos e madeira. “O setor madeireiro merece atenção especial porque foi bastante afetado pelas tarifas impostas pelos Estados Unidos. A Europa pode se tornar uma alternativa importante para esses produtos, por exemplo”, observa.

O economista também desta-

ca o potencial dos setores de couro e calçados. Segundo ele, o perfil mais sofisticado da produção gaúcha favorece a inserção em mercados de maior renda. “O calçado gaúcho possui maior valor agregado e não compete diretamente com os produtos de baixo custo produzidos em países asiáticos. Por isso, encontra melhores oportunidades em mercados com maior poder aquisitivo, como o europeu”, explica. Para o segundo semestre, a expectativa é de continuidade da aproximação comercial com a UE, ainda que em ritmo gradual. Ao mesmo tempo, a entidade avalia que as incertezas envolvendo as tarifas americanas, a desaceleração chinesa e o cenário global devem continuar limitando um crescimento mais acelerado das exportações gaúchas.